

Histórias psiquiátricas

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak

Ninguém respeita mais os psiquiatras do que nós, clínicos — o que não quer dizer que não nos divertimos com algumas características desses caros colegas, como o gosto por teorias incompreensíveis —, um deles nos fez ler um artigo de Lacan, traduzido, evidentemente, em que cinco parágrafos não continham mais do que quatro verbos, uma curiosa mistura de marxismo, freudismo e mais alguma ideologia, tudo disposto em um confuso amálgama. Aliás, o único psiquiatra que é perfeitamente legível é Freud. Segundo seus detratores, foi um grande escritor, que mereceria algo como o prêmio Nobel de Literatura, muito mais que um cientista. Na verdade, foi um neurocientista, o qual descobriu o uso da cocaína como anestésico local e provavelmente serviu-se desse produto de outra forma, o que talvez explique o brilho da sua exposição escrita.

O doutor lembrava-se de dois episódios marcantes na sua residência médica, ambos ligados à Psiquiatria. O primeiro ocorreu em uma fria noite de julho, quando uma senhora de 62 anos foi atendida no pronto-socorro, trazida pela família. Agitada, não conseguia explicar-se direito, mas, fundamentalmente, dizia ver um Exu. Exu da encruzilhada, com um colar de caveiras, e ela estava muito assustada. Os filhos, em pânico, diziam que a mãe frequentava terreiros de Umbanda, porém sem tanto entusiasmo assim. Não houve qualquer dúvida, ela foi encaminhada para a área de Psiquiatria, que contava com um residente de plantão.

Duas horas depois, o doutor atendeu ao telefone:

— Velhão, vocês me mandaram uma senhora com um tipo de delírio.

— A mulher que estava vendo Exu?

— Exato. Vocês a examinaram antes de encaminhá-la para mim?

— Examinar o quê? Sinais de Exu?

— É, imaginei que ninguém se deu ao trabalho de palpar a barriga nem de tirar a temperatura.

— Temperatura?

— Sim, caro colega, ela está com 39,2, pulso de 60 e um belíssimo baço a três dedos. Isso não sugere alguma causa orgânica para o delírio?

O doutor engoliu em seco. Claro que ninguém tinha colocado a mão na paciente. Só restava uma coisa:

— Mande-a de volta para cá.

Enviada novamente para o primeiro lugar, o doutor a palpou: tinha mesmo febre, bradicardia e um baço da maneira que o psiquiatra disse que estava. Duas hemoculturas mostraram crescimento rápido, em menos de doze horas, de *Salmonella typhi*. Febre tifoide para ninguém botar defeito. O delírio — o Exu — desapareceu após o início do tratamento. Na verdade, a senhora tinha crenças definidas nas divindades afro-brasileiras: no momento em que o delírio instalou-se, revestiu uma forma compatível com suas convicções.

O doutor achava que esse colega psiquiatra deveria ter sido expulso do Colégio Brasileiro de Psiquiatria, por desobediência a todas as normas deste: imagine um psiquiatra tirando temperatura ou, pior que isso, palpando um paciente.

A outra história, ainda mais bizarra, ocorreu quando um paciente conhecido do serviço de psiquiatria veio às portas do pronto-socorro. Esquizofrênico paranoide, com diagnóstico bem estabelecido, desganhado, com um saco nas costas, deixou os funcionários que fazem as



Exu das 7 encruzilhadas

Disponível em: <http://www.gogan.com.br/imagens/umbanda/exus/7_encruzilhadas/exu7encruzilhadas2.jpg>.

fichas às gargalhadas quando explicou que lá estava porque tinha sido mordido por uma cobra. Foi imediatamente encaminhado ao referido serviço, do qual, segundo o plantonista da clínica médica, jamais deveria ter saído.

Foi admitido, medicado com algo de efeito psiquiátrico e internado.

Como não se separava do saco por nada deste mundo, julgaram de bom alvitre deixar o saco debaixo da cama do paciente.

Este continuava reclamando de ter sido mordido por uma cobra. Claro que ninguém lhe deu atenção.

Como estavam fazendo um estudo no setor, colheram o sangue do paciente duas horas depois da primeira dose de medicação. O colhedor de sangue do laboratório estranhou, pois o sangue não coagulava. Avisou o psiquiatra, que se



lembrava vagamente da cascata da coagulação e também achou estranho. Então, resolveu visitar o paciente, que ainda estava acordado e agitado.

— Seu Manoel, conte de novo por que o senhor veio para o hospital.

— Eu já contei para um monte de gente que eu fui picado por uma cobra.

— Que cobra?

— Sei não, doutor, nome de cobra. O senhor sabe reconhecer tipo de cobra?

O psiquiatra, com aquele complexo de superioridade típica da espécie, chutou firme.

— Sei, sim.

E o paciente, esticando a mão, pegou o saco embaixo da cama para abri-lo.

— Então, diga-me, doutor, que espécie de cobra é esta?

E brandiu, bem mal-humorado, uma belíssima jararaca com um metro e meio de extensão.

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak
Médicos e Professores Universitários

Adendo ao artigo “A Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo na Revolução de 1932”, do Dr. Arnaldo Amado Ferreira Filho

Jorge Michalany

Li seu artigo no Suplemento Cultural da *Revista da APM* (set. 2009) e felicito-o porque poderá influir na permanência do nome do Túnel 9 de Julho, em vez de Daher Cutait, proposto por um nordestino, promulgado por Dona Marta e por vários colegas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Se Daher Cutait é famoso para a cirurgia na Faculdade, 9 de Julho é muito mais significativo, pois representa a gloriosa luta de São Paulo contra o caudilho Getúlio Vargas.

Ademais, servirá para manter viva a nossa Revolução, tão

bem expressa no artigo de Luiz Gonzaga Bertelli: “Uma data que não pode ser esquecida”.

Fui colega de magistério de seu pai na Faculdade de Ciências Médicas de Santos, e sua mãe doou para o Departamento de Anatomia Patológica da Escola Paulista de Medicina, do qual eu era professor titular (1970-1986), grande parte da sua biblioteca histórica.

A meu ver, 9 de Julho de 1932 foi o único movimento realmente revolucionário no Brasil, que eu comparo à

Revolução Francesa (14 de julho de 1789), nos quais estiveram irmanados políticos, militares e, principalmente, o povo. Os outros movimentos no Brasil não passaram de quarteladas. Permita-me o colega acrescentar alguns fatos sobre nossa Revolução, porque, embora com 15 anos, fui cabo-enfermeiro da Legião Paulista. Na época, São Paulo tinha grande número de estrangeiros, que, apoiando o movimento, tornaram-se tão paulistas quanto os brasileiros de longa estirpe. Houve voluntários combatentes de várias nacionalidades, e as diversas colônias contribuíram para o esforço de guerra. Meu pai, o médico sírio-libanês Nagib Faris Michalany, ofereceu seus serviços de cirurgia à Legião Paulista, na qual o chefe do Corpo de Saúde era seu assistente Kalil Aidar Aun, também de origem sírio-libanesa. Minha mãe, a ítalo-brasileira Victória La Torraca, foi uma ardorosa paulista, costurando uniformes para os combatentes na Sociedade das Senhoras Sírio-Libanesas que, ademais, forneciam capas de chuva para as tropas.

Até os idosos engajaram-se na Revolução, como foi o caso do fotógrafo alemão Peter, em Vila Mariana, que fazia ronda de quarteirão armado apenas com um *casse-tête*.

A oposição dos outros Estados do Brasil, sobretudo do Norte e Nordeste, era de inveja, porque São Paulo, devido ao café e, principalmente, à imigração, tornou-se um Estado industrializado e o mais rico do País, tal como ocorreu com o Estado de Nova York nos Estados Unidos. Sucede que muitos brasileiros de remota estirpe, sobretudo os do Norte e Nordeste, já citados, ainda não entenderam que o Brasil, tal como os Estados Unidos, é um país de imigrantes. É digno de nota salientar que, durante o governo Geisel, um Brazilianit norte-americano concluiu em sua tese que, se São Paulo tivesse se separado do Brasil em 1932, ocuparia o lugar da Itália em riqueza, ou seja, o oitavo lugar da economia mundial.

Além de a Revolução ter corroborado, anos mais tarde, a deposição do ditador Getulio Vargas, demonstrou haver carência de médicos para atender aos combatentes de São Paulo. E foi por isso que o Dr. Octávio de Carvalho fundou, em 1933, a Escola Paulista de Medicina, que logo tornou-se um famoso estabelecimento de ensino médico no Brasil.

Eu apenas discordo do colega a respeito da FEB na Itália, pois muitos soldados, na qualidade de recrutas, não tinham inicialmente condições para combater as experimentadas tropas alemãs. Não fosse a intervenção do General Clark, o papel da FEB seria problemático.

Por exemplo, meu colega da EPM, Mário Pernambucano, que cursava o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), foi convocado como oficial da FEB. Quando o General Clark soube que ele também era estudante de medicina, ficou perplexo e disse a um dos comandantes brasileiros: “Nos Estados Unidos, nós formamos um oficial em 6 meses, mas despendemos 6 anos para formar um médico! Outras críticas a respeito do comando na campanha da Itália encontra-se no livro *Depoimento dos oficiais da reserva sobre a FEB*.

De certa maneira, pode-se quase comparar a inexperiência bélica dos recrutas da FEB com a dos argentinos, os quais tiveram de enfrentar soldados profissionais britânicos.

O que muito valeu na FEB foi o Corpo de Saúde, chefiado pelo meu professor e amigo Alípio Correa Netto.

Para terminar, a contribuição dos estrangeiros para São Paulo, em 1932, foi exemplar e bem maior do que consta, uma vez que seguiram a clássica locução latina *Ubi bene, ubi patria* (Onde se está bem, é aí a pátria).

Jorge Michalany

Curador do Museu de História da Medicina da APM e Cabo-Enfermeiro na Revolução Constitucionalista de 1932

Um quase regicídio no Brasil

Célio Debes



Disponível em: <<http://chicuba.drealentejo.pt/chicuba/jornal/jornal08/fotos-personalidades/carlos-rei/1908-regicidio1.jpg>>.

É pouco conhecido o episódio. Os acontecimentos subsequentes, embora dele divorciados, relegaram-no a plano secundário. Em razão disso, decaiu de importância. Dos historiadores, no geral, poucos dedicaram-lhe atenção e, mesmo assim, perfunctoriamente. Os compêndios de História nem sequer o mencionam. Biógrafo minudente do monarca alude ao fato, fora do texto, em apêndice, em uma tábua cronológica (Heitor Lyra); outro trabalho extenso sobre a vítima reserva-lhe meia dúzia de linhas, em um conjunto de cerca de três milhares de páginas (Pedro Calmon). Outro autor da alentada História do Brasil (10 opulentos volumes) alude ao atentado, também de passagem, em poucas palavras (Rocha Pombo)...

O alvo da tentativa de homicídio foi o Imperador D. Pedro II!

Era julho de 1889. No dia 14 desse mês, os estudantes comemoravam, ruidosamente, o centenário da Queda da Bastilha. Símbolo da luta contra a monarquia, ganhava conotação de hostilidade ao chefe de Estado.

No dia seguinte, o Imperador, sua consorte e sua filha, a Princesa Isabel, compareciam ao Teatro Santana, na Corte, em que assistiram à estreia da jovem violinista Giulietta Dionesi.

Ao fim do espetáculo, por volta de uma hora da madrugada, quando se retirava do teatro — relata a imprensa — dando “o braço a S.M. a Imperatriz e era precedido por S.A. a Princesa Imperial”, ao atingir a porta, ouviu-se uma voz bradar “*Viva o Partido Republicano!*”, e um grupo pequeno aproximou-se do Imperador. “Sua Majestade” — prossegue a notícia — “parou; imediatamente, os que seguiam após Suas Majestades e numerosos cavalheiros rodearam a família imperial, repetindo estrondosas saudações a S.M. o Imperador”.

Superado o tumulto, os monarcas e sua filha embarcaram no carro que os esperava, partindo ao som de insistente ovação. Nessa oportunidade, “um tiro de revólver [é] disparado nas proximidades do teatro”, à altura da *Maison Moderne*, restaurante da predileção dos homens de letras do Rio de Janeiro.

Aproximadamente duas horas depois, registra o jornal, “graças aos esforços do Dr. Bernardino Ferreira da Silva, primeiro delegado de polícia”, acompanhado de um auxiliar e de um empregado daquela casa de pasto, é preso o autor do disparo. Era um jovem português, de 20 anos de idade, chamado Adriano Augusto do Valle.

Esses dados, além de outros mais minuciosos, foram insertos no *Correio Paulistano*, órgão ligado ao Partido Conservador, com base em matéria publicada no *Jornal do Comércio*, da Corte (17 e 18.07.1889).

Embora parcimoniosa, *A Província de S. Paulo* (17.07.1889), jornal simpático aos republicanos, divulgava dados que recebera de seu “serviço especial”, e de que seu colega, ao que parece, não dispunha.

Valle “foi interrogado em segredo de justiça”. Inteirado da prisão e dos motivos que determinaram a prisão do filho, o pai do acusado compareceu à delegacia, “recusando-se a vê-lo, dizendo que ia apenas pedir todo o rigor da justiça e que, se o visse, esmagava-o”.

A despeito do segredo que cercava o depoimento do acusado, o jornal veiculava, ainda, que Valle, “quando interrogado, disse que se consideraria desonrado se cometesse um atentado contra qualquer pessoa, mas que, tratando-se do Imperador, julgava honrosa a prisão!”.

Com o passar dos dias, o *Correio* diminuiu o noticiário sobre o atentado. *A Província*, ao contrário, mantinha a constância das informações a respeito.

As atitudes de ambos os periódicos correspondiam às respectivas posições políticas. Era sabido que o governo procurava vincular o Partido Republicano à tentativa de eliminação do soberano. Os republicanos, a todo custo, buscavam fugir da imputação. Daí a conduta de *A Província de S. Paulo*, que se não limitava ao noticiário, publicando também artigos de fundo e palavras de intelectuais hostis à monarquia, como era o caso de Euclides da Cunha.

Obediente a essa linha, publicava informação de que Adriano do Valle, em novo interrogatório, “apontou o Dr. Germano Hasslocher como mandatário do crime. Comparcendo o indigitado à política, justificou-se plenamente e foi logo solto”. A imputação recaía sobre político de tendência republicana.

A autoria, no entanto, estava positivada.

A apuração dos fatos correu célere. Em 26 de julho, o mesmo jornal noticiava: “o Sr. Dr. Holanda Cavalcanti, juiz do 7º Distrito Criminal da Corte, já despachou os autos do inquérito sobre o atentado contra a augusta pessoa do Imperador, com vista ao Sr. Dr. 2º promotor público para apresentar a denúncia no prazo legal”.

No dia seguinte, o indiciado era denunciado por tentativa de homicídio, agravada pelo fato de “*baver no ofendido a qualidade de ascendente, mestre ou superior do delinquente, ou qualquer outra que o constitua, a respeito deste, em razão de pai*”.

Pronunciado em setembro, seu julgamento, pelo tribunal do júri, só viria a afetar-se a 23 de novembro, depois, portanto, da queda da monarquia.

Eis como a imprensa noticiou a sessão:

“Estava repleta a sala do júri por ocasião do julgamento de Adriano Valle. Falaram o promotor público Lima Drummond, o curador Dr. Otoni e o defensor Ferreira Lima. Não houve réplica. O réu foi absolvido por 10 votos” (*A Província*, 24.11.1889).

O conselho de sentença era constituído por 12 jurados. A maioria — a despeito da confissão do réu de que dera “viva a República” no interior do teatro e de que fizera o disparo da porta da *Maison Moderne* — entendeu de responder negativamente ao primeiro quesito, absolvendo-o, pela negativa do fato!

Há quem entenda que o desfecho do caso era “coisa do júri”. É de convir-se, todavia, que influiu na decisão o fato de ser a vítima um mero Imperador deposto, e deposto uma semana antes do julgamento...

Célio Debes
Historiador, Escritor e Membro da
Academia Paulista de Letras

120 anos

Jenner Cruz

Fui tesoureiro, por muitos anos, da Regional de São Paulo da Sociedade Brasileira de Nefrologia, antes de se chamar Sonesp.

Deixei de sê-lo porque resolveram proibir que eu renovasse a minha candidatura. Não sei se foi por alguém de espírito renovador ou porque eu era muito rigoroso com os inadimplentes. Aqueles que atrasavam o pagamento recebiam cartas mensais até que saldassem o seu débito.

Naquela época, por minha iniciativa, fazíamos reuniões científicas mensais em diferentes serviços paulistanos e também em Campinas, com o professor doutor Antonio Carlos Leitão de Campos Castro.

Foi dessa forma que vim a conhecer o doutor Walter Pinheiro Nogueira, Fundador do Departamento de Hipertensão Arterial e Nefrologia do Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia da Cidade de São Paulo, responsável pela organização das reuniões daquele instituto.

Em março de 2010, o Suplemento Cultural da APM publicou um interessante relato (*A melhor idade*) sobre um paciente com 120 anos de idade.

Há algum tempo, li que, quando nascemos, temos capacidade de viver 120 anos e só morremos antes devido a doenças, estilo de vida, tabagismo e outros acontecimentos. Esse articulista previa que, com os transplantes e os novos medicamentos, aqueles que já existem e outros por vir, poderíamos chegar aos 150 anos.

Quando eu comecei a tratar pacientes, ainda como acadêmico de Medicina e antes do aparecimento dessas drogas maravilhosas, há 60 anos, aos poucos notei que os pacientes que atingiam 100 anos de idade eram magros, tinham hipotensão essencial, isto é, mantinham a sua pressão arterial em aproximadamente 90/60 mmHg até idade muito avançada, sem nenhum sintoma. Não eram diabéticos e tinham colesterol baixo. Nenhum deles tinha sido um grande atleta, embora sempre se mostrassem ativos física e intelectualmente. Um indivíduo não precisa ser um Einstein, pode até ser um analfabeto, mas precisa saber usar o seu cérebro diariamente.

Nessa época, tomei conhecimento do trabalho de dois médicos norte-americanos, Robinson e Brucer, publicado em

1939, que concluía que a pressão arterial normal era aquela que ficava entre 90 a 120/60 a 80 mmHg, e eu, paulatinamente, passei a tratar os meus pacientes com esse objetivo, bem como a ensinar aos meus alunos de Medicina na Universidade de Mogi das Cruzes. Quando eu mencionei isso em um Congresso da Sociedade Brasileira de Hipertensão Arterial, fui formalmente contestado, para não dizer tudo o que falaram e pensaram.

Infelizmente, a maior parte dos autores médicos no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos não pensava do mesmo modo. Estabeleceu-se, de forma empírica, o nível de 140/90 mmHg como valor normal para adultos, acreditando-se que, para os idosos, esse valor deveria ser mais alto.

Felizmente, em 2003, o 7th Joint, do *US Department of Health and Human Services*, reunindo 73 especialistas em tratamento da hipertensão arterial norte-americanos de diferentes centros e universidades, colocou um ponto final no assunto: pressão arterial normal é aquela inferior a 120 mmHg de máxima e a 80 mmHg de mínima.

Foi uma gritaria geral, quer no Brasil, quer na Europa. Parece que, lentamente, eles estão caindo em si e aceitando esses novos níveis.

Graças aos novos medicamentos, combate ao tabagismo e outras medidas salutares já estamos vivendo mais.

Em 2008, os jornais noticiaram que havia nos Estados Unidos quase um milhão de pessoas com mais de 90 anos de idade, e, no Brasil, o Instituto Nacional de Seguridade Social informava que 159 brasileiros com mais de 110 anos de idade estavam vivos e recebendo aposentadoria! Isso sem contar aqueles que não estavam cadastrados no INSS.

Porém, hoje é diferente, pois a maior parte dos que vivem mais de 100 anos são “gordinhos”, embora costumem emagrecer quando estão prestes a falecer.

Os jovens devem ser magros: isso, além de ser mais saudável, é muito bom para a nossa autoconfiança e vida amorosa. Ao nos olharmos em um espelho, temos de ficar contentes com o que vemos, mas, aproximadamente aos 50 anos de idade, coincidindo com o início da menopausa no sexo feminino, sofremos uma série de transformações em nosso corpo e tendemos a engordar um pouco. A obesidade,

a partir dessa idade, não costuma ser patológica, desde que não seja exagerada.

Acredito que nem toda obesidade é fatal por si só.

Provavelmente, as grandes obesidades, como a obesidade mórbida, índice de massa corpórea superior a 40, devam constituir um risco cardiovascular independente, isto é, podem matar independentemente de outros fatores. Contudo, em um paciente não diabético, sem a síndrome de resistência à insulina, o limite para se considerar uma obesidade perigosa, estando todos os outros fatores de risco normais, ainda não está cientificamente determinado.

Alguns meses antes de chegarmos a falecer de uma causa natural, em idade muito avançada, começa-se a emagrecer, o organismo entra em catabolismo e não consegue mais aproveitar adequadamente o que é ingerido.

Recentemente, em Mogi das Cruzes, em um simpósio, o professor doutor José Osmar Medina Pestana, médico do Hospital do Rim em São Paulo e professor titular da Escola Paulista de Medicina, na qual se faz atualmente mais transplantes renais por ano em todo o mundo graças à sua atuação, falou que o sonho de fazermos um rim novo para um paciente cujos rins deixaram de funcionar, utilizando as células do próprio doente, deveria demorar cerca de 30 anos para acontecer.

Foi pelo professor Nils Alwall, presidente da Sociedade Internacional de Nefrologia, de 1975 a 1978, que, pela primeira vez, eu soube que em algum dia esse sonho seria possível.

Conheci, quando criança, o professor doutor José Barros Magaldi, à época estudante de Medicina e colega de um tio meu. O professor Magaldi, que era um excelente cardiologista e clínico geral, além de pesquisador, foi convidado pelo também professor doutor Luiz Venere Décourt para assumir a chefia do Grupo de Nefrologia da 2ª Clínica Médica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, que ele criara.

Posteriormente, as duas Nefrologias, da 1ª e da 2ª Clínica Médica, se uniram e passaram a constituir uma Disciplina Autônoma. Nessa ocasião, o professor Magaldi passou a ser meu chefe, uma vez que eu pertencia à 1ª Clínica Médica.

Um dia, ele nos contou qual pesquisa experimental estava fazendo, bem como relatou que, quando se corta uma minhoca exatamente no meio, as duas partes se reconstróem e viram duas minhocas. Contou também que, quando se corta o rabo de uma lagartixa, este volta a crescer e fica exatamente como era. Eu nunca cortei uma minhoca em duas, mas já vi na minha casa algumas lagartixas com o rabo cortado, as

quais, depois, apareciam com o rabo íntegro. Nunca soube se era o mesmo animal.

No homem, a reconstrução é muito menor, mas, mesmo assim, quando se corta o dedo, por exemplo, sem decepá-lo, o organismo refaz a parte cortada exatamente como era. Em algumas pessoas, em geral nas negras, o reparo pode ser exuberante, o que faz aparecer o tecido quelóide, formando uma cicatriz. Eu tinha uma cicatriz no dedo mínimo da mão esquerda, que foi sumindo até desaparecer totalmente. Logo, tanto o nosso organismo quanto o daqueles animais devem fabricar substâncias responsáveis por essa reconstrução. E o professor tentava descobrir o processo em que se davam esses mecanismos ou essas substâncias.

Agora estão na “moda” as células-tronco embrionárias, células totipotentes capazes de fazer um rim, um coração, ou seja, órgãos responsáveis, a partir da união de um óvulo com um espermatozoide, pelo surgimento de um indivíduo completo.

Há muitos anos, quando eu era médico chefe da Superintendência de Águas e Esgoto da Cidade de São Paulo, que mais tarde viria a ser Sabesp, conversando com um de seus engenheiros fui agraciado com sua observação: ele falou que admirava os médicos, pois estes, quando descobrem algo, correm para difundir o seu achado, enquanto os engenheiros, por exemplo, fazem o contrário, ou seja, tratam de escondê-la a sete chaves, para usufruírem monetariamente de sua descoberta.

No mundo, em vários países, existem pesquisadores tentando descobrir como fazer um rim novo utilizando células de um paciente com doença renal crônica terminal. Eu acredito que esse fato ocorrerá mais cedo do que se pensa, e não teremos de esperar 30 anos.

Jenner Cruz

*Membro da Academia de Medicina de São Paulo
e Ex-professor Titular de Nefrologia da
Universidade de Mogi das Cruzes*

Gerontologia para Einstein

Vinícius Guirado

Fiquei pensando em algo para escrever aos meus amigos. Como sempre, primeiro pensei em poesia. Não encontrei nada. Depois, em alguma frase forte de algum desses gênios da literatura de que eu gosto, como Drummond, Pessoa ou Vinícius. Não encontrei também.

Pensei, então, em Beethoven. Talvez. Mas enviarei músicas? E cheguei a Einstein. Acho que é porque estive perto dele. Perto dele? Como assim?

Sim, estive com alguns dos seus pertences recentemente em um evento aqui em São Paulo. Um museu itinerante de seus objetos pessoais está rodando o mundo. Podem imaginar a minha felicidade? Foi muito interessante, uma grande alegria. Ver sua letra verdadeira, seus rabiscos, seus números e fórmulas; entender um pouco da sua maneira de ser. Confesso que entrei naquele mundo por alguns minutos e me senti próximo desse brilhante cientista.

Lembrar de Einstein é ligar meus pensamentos às crianças. Einstein me transmite uma forte ligação com o pensamento infantil, mas estranhamente misturado a algum tipo de sabedoria maior. Transcendente, talvez. No mínimo, superior.

Eu o vejo como uma eterna criança. É como se ele tivesse se esquecido de parar de perguntar: “por quê?”. Certa vez, ao ser questionado sobre seu sucesso, ele disse: “Não tenho qualquer talento especial, apenas uma ardente curiosidade”.

Para Einstein, e nas suas próprias palavras, “a curiosidade tem sua própria razão de existir”.

E qual a razão de existir? Resposta: saciar os questionamentos da mente!

Sua genialidade estava depositada na incomparável capacidade de contemplar, se empolgar e se deter com o simples.

E dizia: “Não podemos deixar de ficar deslumbrados ao contemplar os mistérios da eternidade, da vida, a maravilhosa estrutura da realidade”.

Todos os dias, quando o relógio marcava o fim do seu dia de trabalho, ele dizia, com um otimismo mágico: “Bem, hoje nós aprendemos alguma coisa”.

Certa vez, Dwight David Eisenhower (1890-1969), presidente dos Estados Unidos que conduziu aquela nação entre 1953 e 1961, declarou: “Nenhum outro homem contribuiu tanto para a vasta expansão do conhecimento no século XX. E, contudo, nenhum outro homem foi mais modesto na posse do poder. Mais seguro de que o conhecimento e o poder sem sabedoria são fatais”.

Deixou ainda uma grande lição de humildade, no seu último dia de vida, com 76 anos, quando se queixou, em tom de brincadeira, ao filho: “Ah, se eu tivesse mais matemática!”.

No dia de sua morte, o *New York Times*, em um dos seus editoriais, publicou: “O homem posta-se neste planeta minúsculo, contempla as miríades de estrelas, os oceanos com suas grandes vagas, as árvores que balançam ao vento — e se pergunta: ‘que significa tudo isso? Como surgiu tudo isso?’. E, de todos os curiosos que apareceram entre nós nos últimos três séculos, aquele que mais refletiu sobre tudo isso agora já se foi, na pessoa de Albert Einstein”.

Então, meus amigos, para entender os modos desse homem, fui buscar na Pediatria uma reflexão. Em Pediatria, sempre nos ensinam, quando estamos no início do curso clínico na Faculdade de Medicina, que a criança não é um adulto em miniatura, ou seja, ela deve ser tratada e entendida como criança.

Assim, não pude deixar de criar uma analogia que tentasse traduzir esse gênio ímpar e que mais uma vez foge à regra. Einstein era uma criança edificada em um corpo adulto. Eu diria que seu geriatra acertaria fácil se prescrevesse: “Leite NAN 1”.

O fato é que devemos refletir mais sobre nossa postura adulta e, quem sabe, para o próximo ano, beber mais “NAN”, perguntar mais “por quê?”, brincar mais, enfim, ser mais simples...

Sejamos simples, sejamos mais crianças!

Grande abraço a todos.

Vinícius Guirado
Médico e Escritor

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)], Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Rui Telles Pereira e Arary da Cruz Tiriba

Cinematca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.